

A Modernidade em Debate



Fátima Sales
José Manuel Fernandes
Ana Nápoles
Susana Milão
Jorge Pimentel
Rui Bianchi
Luciana Rocha
Michele Cannatà
Ana Tostões

A Modernidade em Debate

Fátima Sales
José Manuel Fernandes
Ana Nápoles
Susana Milão
Jorge Pimentel
Rui Bianchi
Luciana Rocha
Michele Cannatà
Ana Tostões

ÍNDICE:

INTRODUÇÃO: AMARANTE A MODERNIDADE EM DEBATE Fátima Sales	7
JANUÁRIO GODINHO NO CRUZAMENTO DOS CAMINHOS Fátima Sales	9
ARQUITECTURA E URBANISMO CONTEMPORÂNEO EM PORTUGAL - OS DIAS DE HOJE José Manuel Fernandes	23
JANUÁRIO GODINHO E O PLANO DE URBANIZAÇÃO DE AMARANTE Ana Nápoles	27
DUAS OBRAS DE JANUÁRIO GODINHO EM AMARANTE MERCADO E TRIBUNAL Susana Milão	35
ROGÉRIO DE AZEVEDO E O REGIONALISMO Jorge Pimentel	45
ALCINO SOUTINHO Rui Bianchi	55
REVISITAR JANUÁRIO GODINHO: LOTAS E EQUIPAMENTOS PARA A HIDROELÉTRICA DO CÁVADO Luciana Rocha Gisela Lameira	67
+ ALÉM DO MODERNO Michele Cannatà	79
ARQUITECTURA E CONTINUIDADE Ana Tostões	83
NOTAS CURRICULARES	89

JANUÁRIO GODINHO NO CRUZAMENTO DOS CAMINHOS

Fátima Sales

Nota prévia

O presente texto foi elaborado em Janeiro de 2016, apresentado no âmbito do Encontro *A Modernidade em Debate* e da abertura ao público da Exposição *Januário Godinho (1910-1990) – A Obra e o Arquitecto*; integra e condensa apresentações públicas anteriores, como a conferência proferida no âmbito da Exposição *Arquitectura Moderna Portuguesa, um Património a Reavaliar e a Conhecer*, com organização do IPPAR, e da entrega do Prémio Municipal Januário Godinho, acontecimentos promovidos pela Câmara Municipal de Ovar no ano de 2002³; continua as ideias apresentadas no Encontro do CEAA/3: *Leituras do Movimento Moderno* em Dezembro de 2009⁴; surge como referência à investigação efectuada para a tese de doutoramento *Januário Godinho na arquitectura portuguesa ou a outra face da modernidade*, desenvolvida no âmbito do Programa PRAXIS XXI entre 1995 e 1999, com atribuição de Bolsa de Doutoramento pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, sob a orientação de Anton Capitel e apresentada publicamente na ETSA - Escuela Técnica Superior da Universidade de Valladolid em Junho de 2001; procura sobretudo manter a tonalidade das questões já na altura enunciadas.

Apresentação do arquitecto

“Quem se cruzava com ele jamais o esquecia. Era uma Personalidade e também um Personagem. Uma Pessoa de Excepção pois a sua Personalidade impunha-se. Uma espécie de dignidade majestosa. Um ar de grande Senhor. Uma faculdade um pouco insólita que impunha o respeito.”

Manuel Botelho, *RA-Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Ano I, N^o 0, Outubro de 1987

“Januário Godinho (...) fala da articulação, relacionamento e hierarquia de espaços entre si em relação ao exterior, revelando com esta preocupação, que antecede opções de linguagem e escolha de materiais, um profundo conhecimento da essência da arquitectura”

Manuel Botelho, “Os Anos 40: A ética da estética e a estética da ética”, in *RA - Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Ano I, N^o 0, Outubro de 1987.

3 . Fátima Sales “Januário Godinho: um património de arquitectura”, conferência apresentada na Exposição organizada pelo IPPAR: *Arquitectura Moderna Portuguesa, um património a reavaliar e a conhecer* e na entrega do Prémio Municipal Januário Godinho, BMOVAR – Biblioteca Municipal de Ovar.
4 . Cf. Fátima Sales “Januário Godinho e os Paradigmas da Modernidade”, in *Januário Godinho. Leituras do Movimento Moderno* (Fátima Sales, Alexandra Cardoso, Jorge Pimentel, Editores), Porto: CEAA, 210 pág.s, 2013. ISBN: ISBN: 978-972-8784-36-2. [Publicação financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do Pest-OE/EAT/UI4041/2011]

Januário Godinho de Almeida, filho de António Godinho de Almeida e de Albina de Jesus Lopes Godinho, nasceu no lugar do Seixo, na freguesia de Válega, concelho de Ovar, em Agosto de 1910 e faleceu em Julho de 1990, com quase 80 anos de idade. Arquitecto formado pela Escola de Belas Artes do Porto (1925-1932), obteve o CODA em 1941 com a classificação de 20 valores. Na Escola de Belas Artes do Porto teve como mestre Marques da Silva e iniciou a sua carreira com Rogério de Azevedo, arquitecto protagonista na “primeira geração moderna” e que, na altura, projectava a sua “obra mais vanguardista”: a Garagem do Comércio do Porto (1928-1932). Januário Godinho inicia assim a sua actividade arquitectónica num período crucial do desenvolvimento da arquitectura moderna no Porto. “Arquitecto-urbanista”, “Arquitecto-artista”, constrói um conhecimento profundo e vasto que se destaca pela riqueza em tradição e vivência moderna. Projecta para a OPCA (Sociedade de Engenharia de Obras Públicas e Cimento Armado Limitada), a partir do ano de 1932, destacando-se neste período: o projecto para a Fábrica da Fibra Comercial Lusitana (Porto, 1932-1934), a casa do Eng. José Praça (Porto, 1933), a reformulação da Garagem Senteiro (Porto, 1932-1934) e um dos edifícios mais notáveis da arquitectura industrial: a Bolsa do Pescado, conhecida por Frigorífico de Massarelos (Porto, 1933-34).

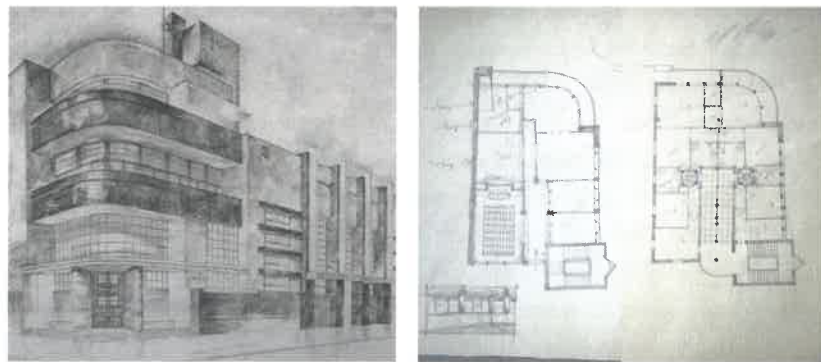


Fig.1 e 2 – Januário Godinho, Lota do Pescado (1934), em Massarelos, no Porto. Estudo do alçado principal e plantas do corpo mais estreito. Espólio J. Godinho.

Fig.3 – Januário Godinho, Lota do Pescado (1934), em Massarelos, no Porto. Alçado principal. Lápis e carvão sobre papel. Coleção particular.

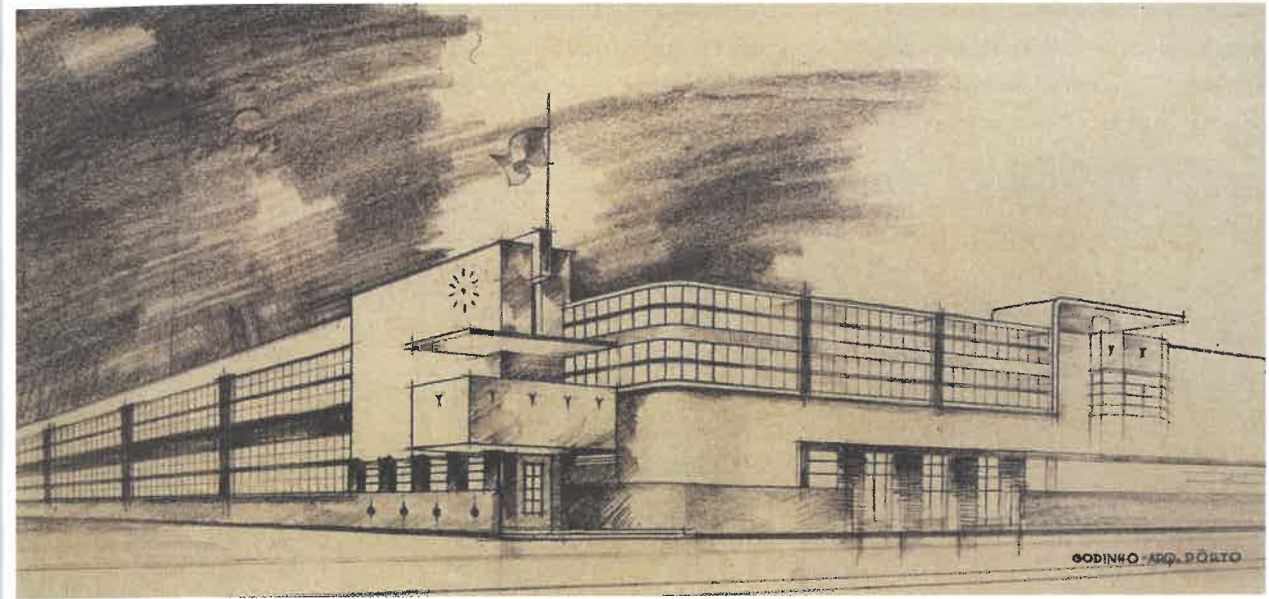
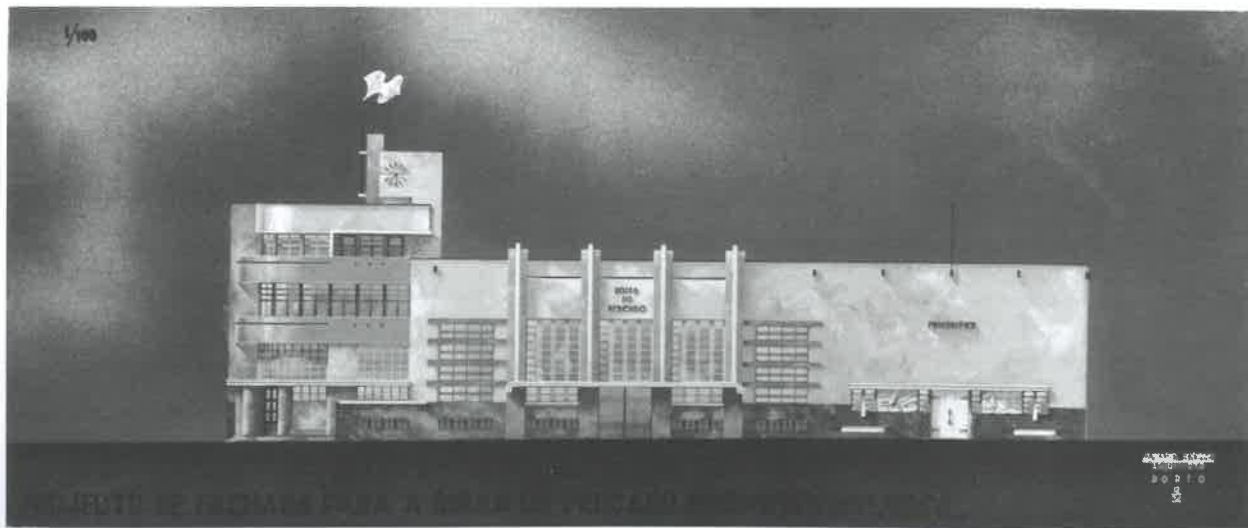


Fig. 4 – Projecto de Godinho para a Fibra Comercial Lusitana (1933), na Av. da Boavista, Porto, que veio a ser alterado para efeitos de construção. Estudo. Lápis e carvão sobre papel sépia. Coleção particular.

A Fábrica de Fiação ATMA, em Santo Tirso é um outro exemplo notável de arquitectura industrial.

Deixa o país povoado com trabalhos seus, nos quais destacamos: a Casa Daniel Barbosa (Porto, 1936), o Edifício Sede da UEP-União Eléctrica Portuguesa (Porto, 1953) e Central da UEP, a Casa Afonso Barbosa (V. N. de Famalicão, 1941), os Paços do Concelho de V. Nova de Famalicão (1952), a Junta Geral Autónoma do Funchal (1943), o Palácio da Justiça do Funchal (1953), o Mercado Municipal de Ovar (1950), o Palácio da Justiça de Ovar (1960), a Buvete das Termas de Chaves (1953), o Palácio da Justiça em Tomar (1955), o Banco Comercial de Angola (1964).

Destacam-se também pela procura de formas mais expressivas e mais enraizadas as obras que Januário Godinho fez para a HICA (Hidro-Eléctrica do Cávado), destacando-se no Escalão de Venda Nova (início em 1946), a Central, a Pousada e os Bairros; no Escalão de Salamonde (início em 1947), a Central, a Pousada e os Bairros; no Escalão da Caniçada (início em 1950), a Central, o Restaurante e os Bairros; no Escalão de Pisões (início em 1958), a Central, a Pousada, os Bairros, a Escola, a Igreja. Sobretudo, em relação aos modelos mais ortodoxos da chamada arquitectura racionalista, Januário Godinho introduziu em Portugal novidades, no detalhe e tratamento dos edifícios, no repertório tipológico, na consideração das pré-existências e na planificação da cidade. E se, por um lado, aplica a ideia de comunidade planificada ou de um sítio ecologicamente equilibrado e economicamente viável, entroncando com os ideais da “cidade-jardim”, por outro lado, pensa a arquitectura como um exercício de composição, pressupondo a sua condição de arte. É a composição que confere uma determinada organização e qualidade características.

A sua obra condensa múltiplas influências que vão desde a experiência expressionista à arquitectura orgânica de Frank Lloyd Wright e utiliza conceitos metodológico-

formais próximos da arquitectura sueco-holandesa, utilizando assim uma linha de pesquisa próxima do “empirismo nórdico” que se manifestou antes de 1930, com S. Markelius e E. Gunnar Asplund. Arquitectos que se distanciaram e desenvolveram posições próprias, inventando a sua arquitectura moderna.



Na Holanda, chega a contactar com W. Dudok, o destacado arquitecto da Câmara Municipal de Hilversum (1924-28).

Também Auguste Perret, mestre do betão armado, teve determinante importância na arquitectura que Januário Godinho fez, quer na afirmação e utilização económica e racional do betão, quer na expressão ou poética construtiva.

Actualmente, a importância da arquitectura de Januário Godinho assenta no carácter único e antecipador, destacando-se os seguintes aspectos: conciliação dos novos materiais construtivos e métodos modernos de aplicação com os materiais naturais e meios tradicionais; importância, na aplicação do programa, das condições do terreno, situação dos acessos e ambiente; acentuação da planta do edifício; utilização de espaços com características diversas que antecedem e separam em transição o exterior do interior; articulação e hierarquia de espaços e de funções; entendimento da função do edifício, não como um acontecimento meramente mecânico e utilitário, mas como resultado da vida interna e da relação com a cidade, ou o sítio; continuidade de linguagens, também do tema tradicional do “carácter arquitectónico”.

Atento à realidade contemporânea, à herança da tradição e às leis da natureza, Januário Godinho evidencia nos seus melhores exemplos, uma arquitectura magnificamente concreta, sólida de continuidades e soluções. Mas, será sobretudo a articulação dos volumes, o manejo e eficácia das suas composições em planta com algumas cuidadosas e estudadas “distorções”, que irão exercer uma permanente e profunda influência nos jovens arquitectos. A noção de “planta terri-

Fig.5 – À esquerda: Estudo para habitação própria (1949). Desenho sobre papel, gouachado (15x9 cm). Coleção particular.

Fig.6 – À direita: Estudo para habitação própria (1949). Desenho sobre papel, gouachado (25x19 cm). Coleção particular.

5. Manuel Mendes, “Os Anos 50”, in *RA, Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, Ano I, Nº 0, Outubro de 1987.

6. Fátima Sales, *Januário Godinho na arquitectura portuguesa ou a outra face da modernidade*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, ETSA-Escola Técnica Superior de Arquitectura, Universidade de Valladolid, 2 vol.s, 25 de Junho de 2001.

Fig.7 e 8 – Casa Afonso Barbosa – Famalicão. Planas de implantação. Espólio J. Godinho.

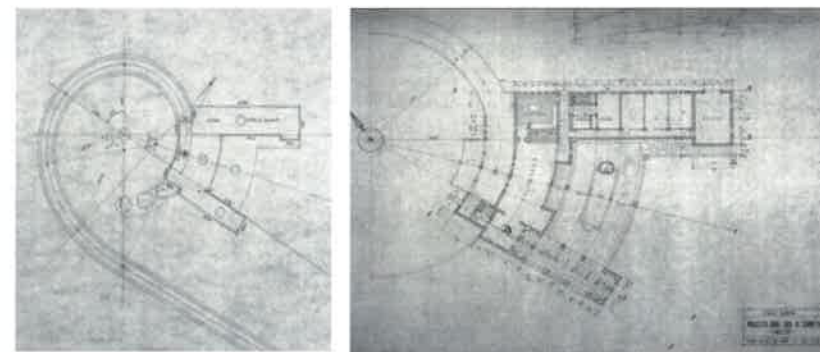
Fig.9, 10 e 11 – Casa Afonso Barbosa – Famalicão (1940-1942). Espólio fotográfico J. Godinho.

torial” e a dinâmica das circulações ou acessos, que no melhor dos casos chegam a revelar uma adaptação e uma “informalidade” orientadas para o utilizador, converter-se-ão, finalmente, através de Fernando Távora, na marca de Siza Vieira.

Sentido de uma tese

Como afirmou Manuel Mendes “entre a confiança triunfalista e a esperança realista, se vai enredando a tensão criativa e a capacidade realizadora da profissão e da arte, do conhecimento e da sua prática”⁵.

Da realização da tese⁶ a figura do arquitecto foi-se configurando com mais nitidez e clareza, assim como, também, o que o separava dos demais arquitectos. A sua obra surgia, destacando-se como referência de grande significado histórico e colocando toda a problemática do Moderno. A sua obra questiona muito seriamente o conceito de progresso implícito no “devenir metafísico” de Hegel, de que o que há-de vir será sempre melhor que o presente e o passado. A memória como processo de redescoberta tem nele um papel fundamental. Logo, a reflexão que a sua arquitectura suscitou à volta das problemáticas do tempo e do espaço, determinou o carácter do estudo efectuado. Na arquitectura da cidade, o espaço público é o grande protagonista, hoje. E, neste particular aspecto, foi também a sua visão verdadeiramente exemplar: continuou, reinventou, redefiniu ideias pré-existentes, entendendo o fazer arquitectónico como um acto cultural permanente e interminável em constante renovação. Não deixa nunca de evidenciar uma vontade de transformação, mas a sua estratégia foi a de “construir em continuidade”.



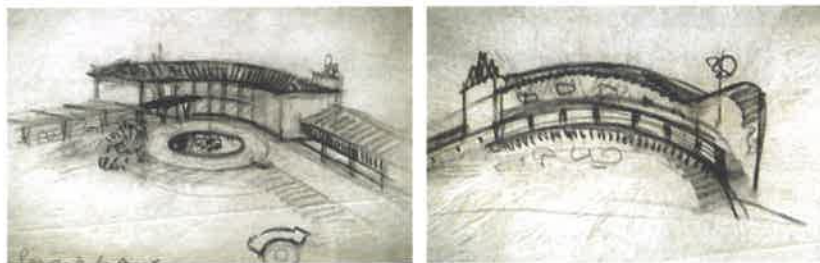


Fig.12 e 13 – Pousada do Marão. Desenhos. Estudo prévio (1937/38). Espólio J. Godinho.



Fig.14 e 15 – Pousada do Marão. Postais da época. Coleção particular.

Um dia Rogério de Azevedo, a propósito do seu mestre, Marques da Silva, referiu que “era a originalidade da criação que ele respeitava em cada um (...), que o espírito não tem limites que o coartam e que a tradição não é estagnação, mas continuidade na pesquisa para encontrar o termo válido da renovação. A tradição é uma herança que veio até nós e reclama acrescentamento para os que hão-de vir”⁷.

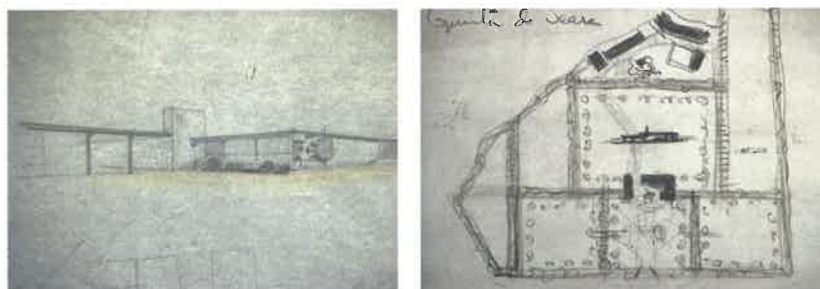


Fig. 16 – Quinta da Seara, Cupertino de Miranda, Louro - Famalicão. Espólio J. Godinho.

Januário Godinho, declaradamente mais livre que os arquitectos da sua geração, de convicções racionalistas ou funcionalistas e, convivendo melhor com a tradição cultural e intelectual, foi pondo manifestamente a sua qualidade e capacidade na criação de uma linguagem própria relacionada com o contexto local. Nomeadamente, nas obras que fez para a HICA (Hidro-Eléctrica do Cávado), a reinterpretação das linguagens vernaculares, o recurso às formas curvas que se justificava pela adaptação à topografia e às vistas da paisagem, a utilização de uma percepção ampla do espaço e de uma maior fluidez de circulação, opções que são reforçadas pela aplicação de técnicas e materiais tradicionais, falam de um método de aproximação à identidade dos lugares. Trata-se de um método singular, o único adequado ao sentido dos sítios e que introduz em Portugal, definitivamente, a relação da arquitectura moderna com o lugar. Por outro lado, a ênfase que coloca nos detalhes, a sua criatividade individualizada, intrincada na expressão e nos recursos visuais ou sensoriais, falam-nos da arquitectura na sua condição de arte. A síntese entre engenharia “racional” e paisagem

7. Rogério de Azevedo, *A Arquitectura no Plano Social*, s/ed, Porto, 1934

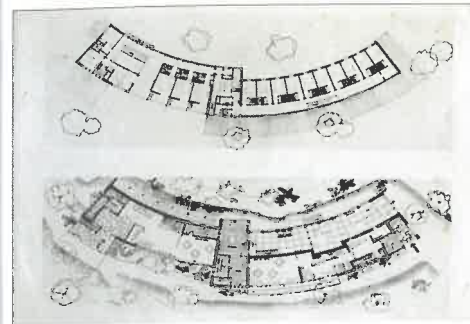


Fig. 17 – Planta da Pousada de Venda Nova. Espólio fotografico J. Godinho.

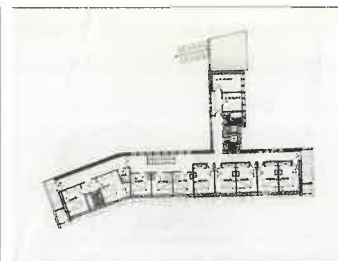
Fig. 18 – Desenho da Pousada de Venda Nova. Coleção particular.



“irracional”, fala-nos, mais uma vez nos trabalhos que fez para a HICA, em uma das “aventuras” arquitectónicas mais surpreendentes. O aproveitamento hidro-eléctrico dos rios Cávado e Rabagão abarca uma área de planificação de grande extensão territorial que se estende desde Venda Nova até Paradelas, passando por Salamonde e Caniçada. As aspirações e objectivos do arquitecto ao nível da planificação e das obras de arquitectura, reflectem em termos conceptuais, pela integração na paisagem, pelos percursos e acessos, pela individualidade e adequação das peças, criando cada uma uma espécie de microcosmos, a filosofia do organicismo, demonstram que, à semelhança de Wright, o projecto moderno tem que passar pela adequação ao lugar. Detendo-nos na pousada de Salamonde, verificamos que o recurso à forma em L, para além de se adequar à topografia, é um mecanismo a partir do qual o edifício emoldura uma grande árvore ao mesmo tempo que se abre às vistas da paisagem. Assim, o arquitecto, explora a ideia de intimidade e proximidade com a natureza ao mesmo tempo que define uma planta que se desenvolve perdendo a ortogonalidade, torcendo um dos lados na extremidade em sentido oposto. Esta suspensão da ortogonalidade acentua e prolonga o edifício para além de toda a estabilidade topográfica, contrariando assim o sentido natural das curvas de nível.

Fig. 19 – Fachada principal da Pousada de Salamonde. Espólio fotografico J. Godinho.

Fig. 20 – Planta da Pousada de Salamonde. Espólio fotografico J. Godinho.



Destaca-se em simultâneo a riqueza dos espaços: espaços exteriores que prolongam o edifício, espaços de acesso, espaços de uso e circulação, espaços que se encadeiam e articulam de forma flexível e expansiva, espaços onde a abertura dos vãos foi pensada para tirar partido e enfatizar a paisagem natural, “virgem” e solitária. De facto, a qualidade da paisagem conseguida não está apenas na paisagem em si, mas na natureza das relações que o arquitecto estabeleceu entre todas as partes. Como disse Ignasi de Sola-Morales “a noção de lugar corresponde a uma concepção de continuidade do processo da arquitectura. A sua vocação é a de levar ao descobrimento do que já existe, previamente, como um fundo permanente do qual a arquitectura ilumina raízes, traçados, invariantes”⁸.

8. Ignasi de Sola-Morales, *Diferencias. Topografia de la arquitectura contemporánea*, Editorial Gustavo Gili, S. A. Barcelona, 1995, p.117.



Fig.21 – Estudo de Implantação do Escalão de Venda Nova (1946). Espólio J. Godinho.
Fig.22 – Bairro da Caniçada (1950). Espólio J. Godinho.

Fig. 23, 24 e 25 – Restaurante da Caniçada. Espólio Fotográfico J. Godinho.

Numa perspectiva de “planificação pitoresca”, de “regresso à natureza” ou “retorno ao rural”, a arquitectura de Januário Godinho, enquanto sujeito, não se exprime de forma directa e estática, mas através de imagens, marcas e atmosferas. Na inesgotável variabilidade da sua obra, Januário Godinho, reúne a tarefa de constructor que define as estruturas, de escultor que modela as massas e de pintor que qualifica as superfícies mediante a cor e a textura. Esta forma de proceder parece excluir toda e qualquer relação com a tecnologia moderna e industrial, mas tal não é verdade. O que o seu trabalho denota é uma verdadeira simbiose entre a construção e a arte.

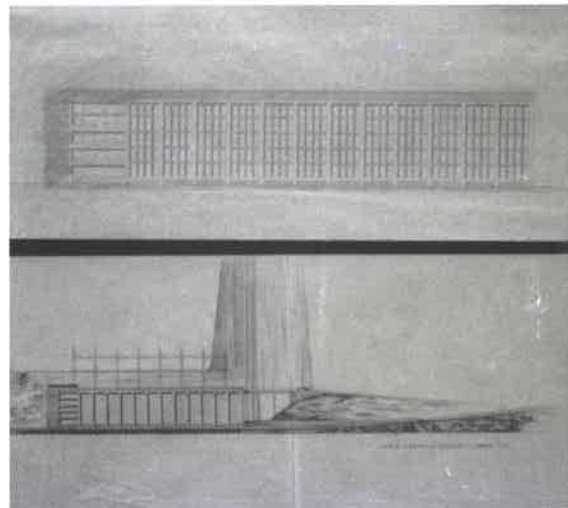
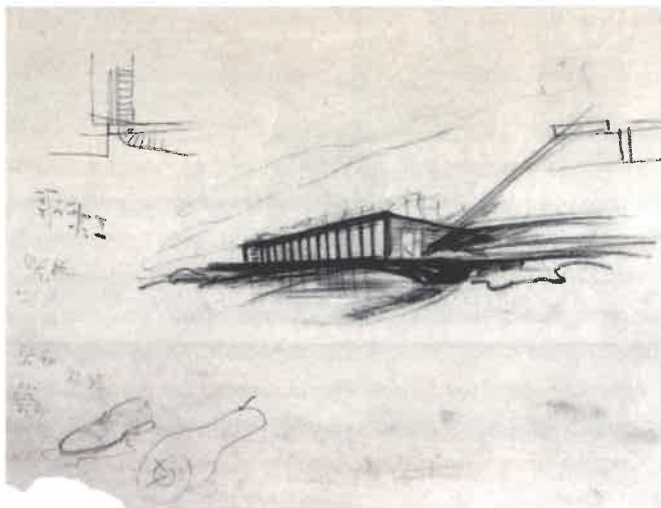


Fig. 26 e 27 – Desenhos de estudo da Central do Alto Rabagão, Pisões. Coleção particular.

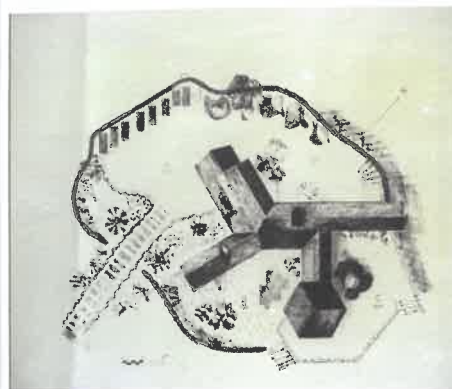


Fig. 28 – À esquerda: Planta da Pousada de Pisões. Espólio fotográfico J. Godinho.
Fig. 29 – Ao centro: vista exterior da Pousada de Pisões. Espólio fotográfico J. Godinho.
Fig. 30 – À direita: vista do interior da Pousada de Pisões. Espólio fotográfico J. Godinho.

Planificação, cultura visual a paisagem poetizada

O papel “jogado” pela luz, orienta o estudo analítico da natureza e da arquitectura para uma visão mais subjectiva. A luz, elemento cambiante por excelência, permite registos ao mesmo tempo exactos e líricos. Estamos perante a dualidade entre o registo preciso e a interpretação imaginária ou oscilação constante entre esses dois pólos. Januário Godinho, logo nos seus desenhos começa a transpôr ou a ultrapassar, a interpretar, a realidade que regista. Com efeito, tratam-se de ideias mais “sentidas” que “pensadas”. E, em conformidade, filia a sua actuação na “poética do pitoresco”, cristalizando uma outra visão, manipulando materiais, inventando formas, relacionando texturas, montando imagens e recriando edifícios. Potencia uma obra que parte da experiência acumulada nos seus desenhos, que torna a fazer, no sentido de interpretar a arquitectura e de a conduzir para uma autêntica segunda natureza que a tradição ou o contexto vão gerando.

Num texto memorável *The Secret Life of Buildings*, G Macrae-Gibson afirma que “a fé no método científico em que se baseou inicialmente a arquitectura moderna era um mito, (...) uma história contada pela arquitectura para explicar a relação do homem com o mundo (...). Esse mito original produziu a ilusão de que era uma verdade indiscutível; por isso, os arquitectos ignoraram o pensamento poético, ainda que tratando-se de um método que em realidade utilizavam”. E curiosamente a propósito de uma “modernidade lírica”, o mesmo autor, refere-se a “uma lógica poética que faz com que a arquitectura olhe para o seu interior à procura de soluções variadas e míticas”, destacando que “não é possível substituir o zeitgeist sobre-humano do mundo tecnológico por uma força singular que encha o vazio que sentimos nas nossas cidades modernas (...) [já que a mesma] apenas pode conseguir-se (...) na procura de valores e significados”⁹.

Em Portugal as sucessivas gerações de arquitectos modernos não conseguiram estabilizar uma forma arquitectónica, nem um método. A experiência e o prestígio de Januário Godinho, permite-lhe desenvolver posições próprias e adoptar um método que vai ele próprio superar as limitações do modernismo, harmonizando a base cultural do passado, a riqueza e vitalidade da cultura popular, com o projecto moderno.

9. Cf. Gavin Macrae-Gibson, *The Secret Life of Buildings*, Mit Press, 1985.

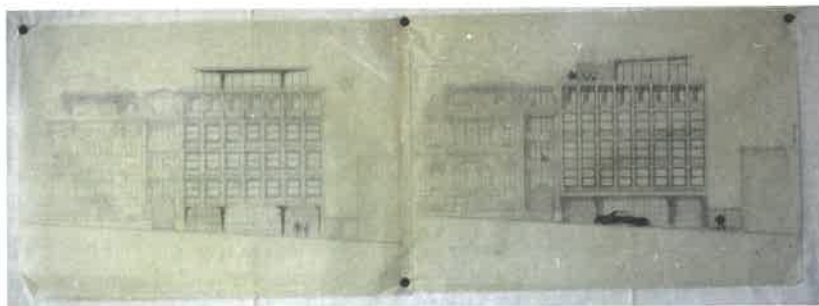
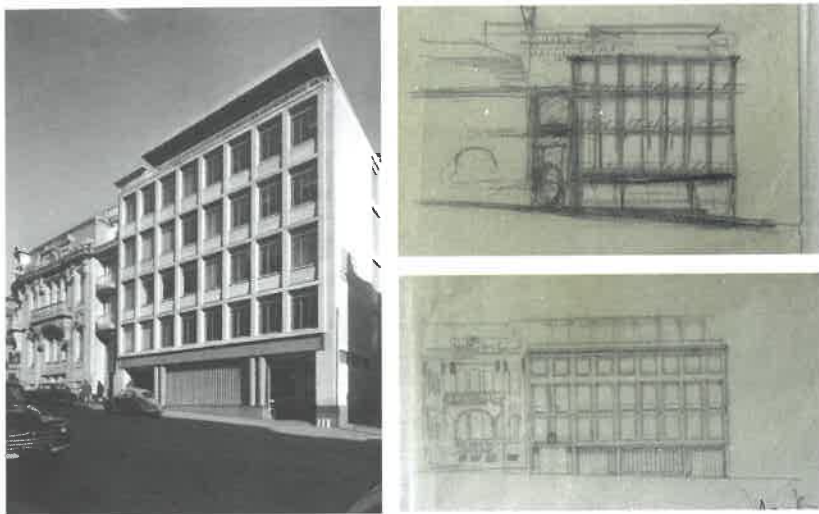


Fig. 31, 32 e 33 – Edifício Sede da UEP – União Eléctrica Portuguesa Famalicão. Porto, 1953. Estudos de fachada. Espólio J. Godinho.

A arquitectura “burocratizada”.

Em alguns dos pequenos Palácios da Justiça e Paços do Concelho que Januário Godinho foi construindo para o Estado, parece querer superar o “ideal autoritário” do classicismo presente nos modelos tradicionais. É o caso do Palácio de Justiça de Tomar (1955), no qual o exotismo se converte numa categoria crítica de marcado carácter operativo, servindo para criar uma espécie de fissura no modelo tradicional.

Fig. 34 e 35 - Palácio da Justiça Amarante (1958). Fotos de Susana Milão



10. Trata-se de um conceito transcultural e até universal que adopta diferentes formas e lugares e épocas distintas.

Oposição que resulta em termos formais bastante eficaz. A capacidade simbólica tende à máxima qualificação da casca, aspirando o arquitecto ao “sublime da superfície” ou à “poética do revestimento”. No entanto, estamos a falar de edifícios que afirmam a sua qualidade na excelente relação que mantêm com o espaço envolvente e que exibem a perícia ou a grande experiência, do arquitecto, na planificação da paisagem urbana. Os espaços são ordenados e organizados uns em benefício dos outros, assim como, em função de uma clarificação hierárquica, sem contudo deixar de responder às exigências a que o edifício deve responder. Concretamente, no edifício do Palácio da Justiça, em Amarante (1958), dois corpos articulam-se e ocupam uma área que integra espaços exteriores. Mais uma vez, Januário Godinho, acentua a exigência à qual quis dar mais ênfase, isto é, a simbólica-representativa e define como função mais importante a pública. Não negligenciando os aspectos referenciais e simbólicos válidos para os edifícios públicos, a sua atitude, na arquitectura que chamava burocratizada, foi sempre condicionada pela cultura visual. Usa uma infundável gama de recursos morfológicos e compositivos e destaca um centro de interesse visual. Para uma expressão plena, necessita por vezes que um dos elementos prevaleça sobre os demais. Recurso comum em obras de carácter público. Por outro lado, as suas intervenções são sempre condicionadas pela topografia, facto que se destaca nesta em particular. O edifício pela sua colocação na zona alta da cidade amplia o seu raio de acção. O espaço vazio é a transição natural entre o interior do edifício e o meio que o rodeia. Logo, as razões que motivaram a concepção dos “espaços” exteriores encontram-se na própria arquitectura. Também da combinação da arquitectura e da paisagem nasce a planificação e o desenvolvimento do edifício, afirmando-se como meio urbano e meio orgânico. O público e o paisagístico foram os dois conceitos que ali se entrelaçaram engenhosamente. O edifício tira verdadeiro partido de todas as facetas e perspectivas da vida urbana, assim como da sua posição e integração no que o rodeia. Uma arquitectura que procura integrar-se nas linhas da natureza, contudo exibindo um desenho mais sofisticado. Amarante, situada perto das vias de comunicação, pretendia ser um centro urbano com um aspecto acolhedor e familiar que, pela sua arquitectura de carácter tradicional, continuasse a tendência do lugar. Em contraste com os princípios “clássicos” utilizados na planificação dos centros urbanos, esta obra de Januário Godinho foi concebida como sendo mais orgânica, na sua relação com o terreno, na amplitude, abertura e domesticidade dos seus espaços. Resulta significativo este condicionamento da arquitectura pela topografia e pelas linhas de curva do terreno.

Quanto às opções formais aproxima-se de todas as suas outras obras congéneres, destacando a vertente tectónica e aproximando-se da arquitectura de Auguste Perret.

Com o Palácio da Justiça, em Amarante, Januário Godinho postula a constituição sócio-cultural da vida cívica como algo essencial, tornando-se o edifício ponto de referência fundamental na cidade.¹⁰

O Mercado Municipal de Amarante

Tipologicamente a obra de Januário Godinho, cobre uma gama de programas muito diversos, como se torna patente no Palácio da Justiça (1958) e no Mercado Municipal

(1958), em Amarante. Concretamente, em relação ao Mercado deu prioridade a certos aspectos que a seguir se enunciam. A verdade do projecto, articula-se à volta de dois eixos de igual importância: o programa e a construção, distanciando-se de algumas das suas experiências anteriores. Referimo-nos à reinterpretação do modernismo europeu “via Brasil”¹¹, que Januário Godinho exercita no Mercado de Ovar (1950), para no caso concreto do Mercado de Amarante se aproximar, definitivamente, de uma modernidade que se expressa sobretudo pelos materiais industriais. Algo que já tinha ensaiado no Mercado de Ovar, mas levando-o em Amarante a uma outra escala. Januário Godinho torna claro o processo de renovação dos pressupostos culturais a partir dos quais se projecta a arquitectura e se constrói a cidade. O Mercado, em Amarante, transforma-se em uma nova atitude. Januário Godinho, afirma a necessidade real de uma pequena cidade que se queria mais funcional e moderna, enxertando uma nova atitude projectual no tecido pré-existente. No Mercado, em Amarante, Januário Godinho desenvolve o seu próprio sentido de tradição. Nesta obra, o objectivo, a sua forma funcional, tinha de ser elevada até ao nível da forma de arte. A união de arte e tecnologia expressa a maior dicotomia do tempo.

Outra das características importantes desta obra é a ênfase na economia, na qual Januário Godinho adoptou claramente a industrialização. Esta abordagem económico-industrial contrastava com a do artista criativo, um ponto de vista que Januário Godinho também defendia. Não podemos deixar de destacar nessa mesma obra, o contraste dos volumes, o carácter dinâmico e expansivo dos pavilhões, a exuberância de uma sensibilidade “lírica” que o relacionam de novo com Frank Lloyd Wright. Deu prioridade a uma unidade plástica de espaços interiores e exteriores. Pretende assim, o arquitecto, mediar e enriquecer, sem intenção de negar o carácter volumétrico da forma, a importância dada ao espaço arquitectónico, reconsiderando os modos construtivos e estruturais que introduzem no edifício conceitos de efémero e de informalidade. A utilização na arquitectura da cor e da luz, como recursos expressivos, traça uma vertente da forma que exalta os valores simbólicos, transcendendo deste modo o papel determinista dos materiais construtivos.

Com o Mercado Municipal, em Amarante, Januário Godinho postula uma noção da arquitectura como resolução de problemas, inovação ou nova intervenção.

Podemos dizer que o Mercado Municipal de Amarante responde a uma afirmação positiva por parte de Januário Godinho a favor de uma industrialização. O edifício claramente industrial pelos materiais que exhibe, assenta numa plataforma de pedra sobre o rio. E, apesar de estar delimitado em todo o seu recinto, o edifício é um exemplo excelente de “destruição da caixa”, já que no interior não se tem nenhuma sensação de fecho em nenhum ângulo que se olhe, para cima ou para os lados. Olhamos o céu, a cidade, o rio e sentimos a liberdade do espaço: continuidade.

Outra das características importantes do projecto foi a de integrar a geometria rôm-bica¹² da cobertura com a geometria ortogonal da quadrícula, prolongando-a através dos seus muros. Perde-se toda a hierarquia e todo o princípio narrativo que muito provavelmente Januário Godinho pretendia contrariar. A procura de uma identidade de razão geométrica e ritmo poético, destaca-se na relação do edifício com a natureza

11. Referimo-nos à reinterpretação da arquitectura de Le Corbusier, por parte de O. Niemeyer no Brasil. A arquitectura da cidade de Brasília parte dos princípios de Le Corbusier mas Niemeyer adapta-os a novas circunstâncias de território e paisagem, assim como, a diferentes tradições formais. O próprio Le Corbusier propõe esquemas mais orgânicos para o desenvolvimento da sua arquitectura. De facto, para além da construção do Edifício para o Ministério da Educação, propõe e desenvolve, em conjunto com Lúcio Costa, a Cidade Universitária concebida como uma variante da Cidade Mundial e que incluía a primeira versão do “Museu de crescimento ilimitado”, em espiral. Não foi por acaso que ali Le Corbusier viveu o período mais feliz da sua vida. Ali lhe pareceu, pela primeira vez, que a sua visão de modernidade podia ser realizada à grande escala e de forma absolutamente compatível com o clima, a paisagem e a vida das pessoas comuns.

12. O losango ou rombo é uma variante do quadrado. Todos os quadrados são ao mesmo tempo losangos e rectângulos. Ângulos opostos têm medidas iguais. As suas diagonais são bissetrizes. E todo o losango tem um círculo inscrito. A palavra rombo descende do grego (rhombos), ou seja, algo que gira que deriva do verbo (rhembo) que significa voltas e voltas. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Losango, consultado em 06.02.2016]

ou a cidade. O desenho é dinâmico, complexo, e este reflecte-se na geometria geral do edifício. A forma dinâmica ainda que não se submeta a um ponto de vista funcional que deriva das necessidades de uso do edifício, o certo é que era para a imaginação popular o símbolo da modernidade progressista. A sua forma faz dele um símbolo de progresso e modernidade, e não é arbitrária; é a consequência da completa integração da estrutura com o recinto do espaço e com os painéis pelos quais entra a luz. Ainda que delimitando-se do que está à sua volta, o edifício integra o homem na natureza, redesenhando e recriando o arquitecto essa natureza com o seu próprio vocabulário. Consegue, por isso, um edifício aonde podemos respirar ar fresco e mergulhar na luz natural. Logo, o que era um símbolo de progresso e modernidade transforma-se num símbolo da própria natureza do edifício como obra arquitectónica, das suas qualidades como espaço valorizado pela paisagem.



Fig. 36 e 37 - Mercado Municipal de Amarante (1958). Fotos de Susana Milão

Uma obra de arquitectura moderna

O ideal do progresso com que a modernidade construiu as suas bases não apenas se aceita nesta obra, como se eleva a parâmetro formal e estético. Uma percepção do progresso ou uma nova realidade aceita-se como valor explícito. Uma condição “maquinal”, expressa-se na dimensão técnica dos elementos. A atenção dada à expressão técnica das máquinas, tal como à visibilidade “do construtivo”, perfila uma das questões-chaves do pensamento moderno: a “sinceridade construtiva” ou “a forma que induziam os materiais”. Ou seja, o facto de uma arquitectura ser de estrutura de aço devia manifestar-se como tal. O mesmo se pode dizer em relação ao tijolo, à pedra ou ao betão. Revela-se também o critério da genealogia dos materiais, utilizado por Frank Lloyd Wright. A vontade de sublinhar os ripados de madeira em numerosos exemplos das suas obras, é tão patente como a de evidenciar a condição da origem da pedra; o modo como esta se apresenta na Casa da Cascata, natural aparentemente sem tratar no interior e em lages no exterior, atribui ao material uma condição formal que evidencia a sua natureza geológica, ou vegetal. Mas, num e noutro caso trata-se de estabelecer uma pauta de comportamento ou expressão, cujo imperativo é a condição técnica que propicia a autenticidade que referimos.

Por outro lado, a cidade converte-se no marco de referência de uma nova existência. No lugar das oportunidades, do cosmopolitismo; o âmbito onde tudo pode acontecer. A cultura, a arte, a economia, tudo germina na cidade. De facto, a arquitectura moderna aceita o desafio de sonhar a nova cidade. E, como pano de fundo, é a técnica que surge como a razão da viabilidade de um sonho, como a pauta com a qual

se faz arquitectura nunca antes feita. Uma vontade de demarcar-se do tempo anterior, de propôr uma espécie de código específico. No entanto, não é tanto a técnica, mas a ideia que esta propõe. Como afirmou A. Colquhoun “o que nos seduz no Movimento Moderno não é tanto a sua capacidade para resolver problemas técnicos, mas a de elevar a técnica à categoria de símbolo”¹³. Esta foi a razão última que propiciou a aceitação dos parâmetros que configuram o pensamento moderno. Aceitação que, em seguida se colocou em crise. Mas, ainda que a visão da técnica tenha mudado; ainda que esta tenha relegado a sua condição simbólica a outros aspectos – à ideia de sustentabilidade ou a uma certa ideia de retorno à natureza – devemos reconhecer que foi precisamente a ideia da técnica que duas gerações elevaram à categoria de símbolo que, paradoxalmente agora, e não então, reconhecemos capaz de resolver muitos dos problemas que a sociedade enfrentava.

13. Alan Colquhoun, *Essays in Architectural Criticism, Modern Architecture and Historical Change*. Cambridge: MIT Press Opposition Books, 1985.

Fátima Sales

Licenciada em História, variante Arqueologia pela Universidade do Porto (1986). Doutorada em Arquitectura com a tese *JANUÁRIO GODINHO NA ARQUITECTURA PORTUGUESA OU A OUTRA FACE DA MODERNIDADE* (programa Arquitectura Moderna y Restauration) pela Universidad de Valladolid (2001). Bolseira da FCT, no âmbito do Programa PRAXIS XXI (1995-1999).

Docente da ESAP | Escola Superior Artística do Porto (desde 1987). Professora Auxiliar e membro efectivo do Conselho Científico (desde 2001). Coordenadora da Secção Autónoma de Teoria e História (2010/2012).

Docente nas áreas de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo, do MIA | Mestrado Integrado em Arquitectura. Docente na área de História da Arte, das Licenciaturas de Artes Visuais Fotografia, Artes Plásticas Intermédia, Cinema Audiovisual, Design Comunicação Multimédia e Teatro.

Investigadora do CEAA | Centro de Estudos Arnaldo Araújo (uI&D 4041 da FCT). Investigadora responsável (IR) do Grupo de Teoria, Crítica, História e Práticas de Arte Contemporânea do CEAA (2010/2012).

Comissariado Científico das Exposições: *Januário Godinho, Arquitecto (1910-1990)*, Porto, ESAP, Dez. 2009 – Jan. 2010; *Januário Godinho (1910-1990) – a obra e o arquitecto*, Amarante, Biblioteca Municipal Albano Sardoeira, Jan. 2016.

Publica desde 1997, com títulos entre artigos, comunicações e conferências, capítulos e edição de livros, onde se destaca: “A modernidade: a arquitectura entre o tempo e o lugar”, in *Guia da Arquitectura Moderna no Porto 1925-2002*, Porto: Edições ASA, 2001; *Januário Godinho: Arquitectura, Paisagem e Cultura Urbana. Aspectos a Reavaliar*. Porto: CEAA, 2005; “Uma Empresa Feita Cidade”, in *Actas do VII Congresso DOCOMOMO Ibérico la fábrica, paradigma de la modernidade*, Oviedo, 2012 (IVth ISC/R docomomo INTERNATIONAL SEMINAR, Gigon, 14-17 de Abril de 2010); *Januário Godinho, architect (1910-1990)*, in *Revista EN BLANCO*, Nº13, Valência, Espanha, 2013, p. 13-17. ISSN 1888 – 5616; *Januário Godinho: a arquitectura como síntese. Diálogo entre tradição e a modernidade*, in *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 6, 2014, p. 33-50. ISSN 1647-900; “Porto, obra de arte viva e habitada” (com Assunção Lemos), in *O TRIPEIRO*, 7ª Série, Ano XXXIV, Número 3, Março 2015, Publicação Mensal.

(Com Daniel Villalobos e Sara Perez) colabora na edição do livro *21 Edifícios de Arquitectura Moderna en Oporto*, Valladolid: Universidade de Valladolid/Asociación Cultural “Domus Pucelae” e Porto: CEAA, 2010; (Com Alexandra Cardoso e Jorge Pimentel) é editora do livro *Januário Godinho – Leituras do Movimento Moderno*, Porto: CEAA, 2012. (Com Carlos Faustino e Maria Covadonga) é responsável pela edição do livro *Explorar os Limites*, Porto: CEAA, 2013.

Ficha Técnica de Encontro “ A modernidade em debate “

Organização: Fátima Sales, Vítor Varão

Oradores: Fátima Sales, J. Manuel Fernandes, Ana Nápoles | Rui Duarte,
Susana Milão | António Guedes, Jorge Cunha Pimentel, Rui Bianchi, Luciana Rocha,
Michele Cannatà, Ana Tostões.

Apoios: Câmara Municipal Amarante, CEEA

Local: Biblioteca Municipal Albano Sardoeira, Amarante

Data: 8 de Janeiro de 2016

Ficha Técnica de Livro de Actas do Encontro

Coordenação editorial: Fátima Sales

Design gráfico e Composição gráfica: Vítor Varão

Coordenação científica: Fátima Sales

Produção: Vítor Varão

Textos: Fátima Sales, J. Manuel Fernandes, Ana Nápoles | Rui Duarte, Susana
Milão, Jorge Cunha Pimentel, Rui Bianchi, Luciana Rocha, Michele Cannatà,
Ana Tostões.

Revisão: Fátima Sales

Impressão: Greca Artes gráficas

Tiragem: 300 exemplares

Deposito Legal: 426370/17

ISBN: 978-989-8141-84-2

Título: “A Modernidade em debate”

Data: Junho 2017

Edição: Câmara Municipal de Amarante



Apoio:



Quiasma, Unipessoal Lda

